

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E ESG: DESAFIOS ÉTICOS NAS REPRESENTAÇÕES DE MULHERES¹

Sabrina Kelly Roza²
Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP

RESUMO

O presente resumo pretende analisar a relação entre ESG (Environmental, Social and Governance) e a IA (Inteligência Artificial), com o foco nas representações de mulheres negras. A pesquisa busca compreender que embora ESG busque a diversidade e a inclusão, tecnologias de IA ainda reproduzem estereótipos e desigualdades raciais. Com base em autores como Safiya Noble, Ruha Benjamin, Tarcízio Silva e entre outros, propõe-se uma análise qualitativa das imagens geradas por IA evidenciando como o racismo algorítmico impacta as representações de mulheres negras.

PALAVRAS-CHAVE: Inteligência Artificial; ESG; Representação; Comunicação.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a agenda ESG (Environmental, Social and Governance) tornou-se central na atuação de empresas e instituições preocupadas com sua responsabilidade socioambiental. As siglas que compõem ESG indicam a qual âmbito social elas se caracterizam, o “S” traz a atenção para a equidade, diversidade e inclusão, especialmente no que tange às tecnologias emergentes como a IA. A inteligência artificial (IA), enquanto força presente no meio da transformação digital, entra nesse contexto como um campo estratégico e desafiador, à medida que suas aplicações influenciam diretamente a vida das pessoas e reproduzem desigualdades estruturais.

É nessa junção entre ESG e IA que emergem os desafios éticos das representações de mulheres negras, que historicamente são marginalizadas e estereotipadas na sociedade e agora, também em sistemas algorítmicos. Ao olharmos para a crescente adoção de sistemas de IA para reconhecimento facial, geração de imagens e análise de dados sociais têm-se evidenciado vieses raciais e de gênero que comprometem a neutralidade e consequentemente a justiça. Em estudos como os de Joy Buolamwini (2018) e Safiya Noble (2022), elas demonstram que as bases de dados utilizadas para treinar esses

¹Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação ESG: Meio Ambiente, Sociedade e Governança, evento integrante da programação do 22º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 28 a 30 de maio de 2025.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação do PPGCOM- UFOP, email: sabrinaroza78@gmail.com.

algoritmos são em sua maioria compostas por rostos brancos, masculinos e ocidentais, o que resulta na sub-representação ou deturpação da imagem de pessoas negras, em especial a das mulheres.

A representação de mulheres negras parte de um lugar que as coloca em papéis de objetificação e desumanização, além da supressão ou apagamento de suas especificidades e cultura, como aponta hooks (2019, p.112). Além das imagens comumente vistas como as mulheres sambando no carnaval, mulheres negras acabam em papéis de servidão ou de figuras raivosas que precisam esbravejar aos gritos suas necessidades, a esses papéis foi dado o nome de imagens de controle, termo cunhado por Patricia Hill Collins (2000). Segundo a autora, essas imagens têm o poder de manipular a feminilidade negra, transformando o racismo e dentre outras violências como algo natural. Por isso, faz-se necessário olharmos com bastante atenção e cuidado para as imagens produzidas pelas IAs a fim de identificarmos se estas não continuam a perpetuar ainda mais as imagens de controle.

Dessa maneira, essa lacuna algorítmica se traduz, por exemplo, em ferramentas de geração de imagens que reproduzem estereótipos coloniais, associando mulheres negras a atributos hipersexualizados ou ao seu apagamento. Assim, esses padrões não representam apenas falhas técnicas, mas são o reflexo de uma sociedade que tem seus preconceitos passados de geração em geração. De acordo com (BENJAMIN, 2019, p.61, tradução da autora), sempre há uma intenção quando engenheiros e programadores criam um sistema tecnológico por exemplo, e se eles vendo que podem fazer a diferença ao não discriminar certos povos, preferem a omissão em vez da mudança eles acabam sendo coniventes com as discriminações que afetam diretamente os povos minorizados.

A pesquisa parte da hipótese de que a ética algorítmica precisa estar integrada às práticas de ESG, não como apenas uma norma a ser seguida, mas como núcleo de uma governança comprometida com os direitos humanos e a justiça social. Nesse sentido, a metodologia adotada envolve uma análise crítica de imagens geradas por plataformas de IA como DALL·E e Runway ML com a descrição de *prompts* associadas a gênero, raça e ocupações sociais.

Os resultados prévios apontam para uma reprodução persistente de estereótipos de beleza eurocêntrica, além da recorrente negação de representações positivas e complexas de mulheres negras em posições de poder, intelectualidade, afetividade e entre

outras. Quando acionadas como “mulher negra bonita” ou “mulher negra brasileira”, alguns sistemas entregam imagens hipersexualizadas ou com traços eurocêntricos, além de retornar com imagens de mulheres extremamente magras.

Ao nos depararmos com esse cenário, a ideia de que os algoritmos são neutros é totalmente desmentida, visto que, as representações ainda são carregadas de estereótipos. Dessa maneira, mais do que uma exigência técnica de incluir mulheres negras nos datasets, nos times de desenvolvimento e nas decisões estratégicas é fundamental o compromisso ESG em fazer mais para que erros como esses sistemas não continuem propagando ainda mais desigualdades.

Assim, este trabalho propõe refletir sobre as interseções entre ESG e IA a partir de uma perspectiva decolonial e interseccional, evidenciando que a construção de tecnologias mais justas passa pela inclusão de populações historicamente minorizadas e silenciadas e pelo enfrentamento crítico do racismo algorítmico.

REFERÊNCIAS

BENJAMIM, R. **Race after Technology**: Abolitionist Tools for the New Jim Code. Cambridge and Medford: Polity Press, 2019.

BUOLAMWINI, Joy; GEBRU, Timnit. Gender shades: Intersectional accuracy disparities in commercial gender classification. In: **Conference on fairness, accountability and transparency**. PMLR, 2018. p. 77- 91. Disponível em: https://proceedings.mlr.press/v81/buolamwini18a.html?mod=article_inline&ref=akusio Acesso em: 15 de abril 2025.

DA SILVA, Tarcízio. Visão computacional e racismo algorítmico: branquitude e opacidade no aprendizado de máquina. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 12, n. 31, 2020. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/744> . Acesso em: 15 de abril. 2025.

HILL, Patricia Collins. "Black feminist thought: Knowledge, consciousness, and the politics of empowerment." (2000). Disponível em: <https://negrasoulblog.wordpress.com/wpcontent/uploads/2016/04/patricia-hill-collins-black-feminist-thought.pdf> . Acesso em: 15 de abril de 2025.

hooks, bell. **Olhares negros**: raça e representação. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019. 356 p.

NOBRE, Safiya Umoja. **Algoritmos da opressão**: Como os mecanismos de busca reforçam o racismo . Editora Rua do Sabão, 2022.